

SIMPÓSIO AT176

FORMA COMPOSICIONAL, CONTEÚDO EMÁTICO E ESTILO: OS GÊNEROS DO DISCURSO NA DIALOGIA

OLIVEIRA, Gisele de Freitas Paula
UFES/CMBH
gisele.ipb@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho objetiva revisar o conceito de gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin a fim de compreendê-lo dentro da perspectiva dialógica de sujeito e linguagem. Tendo em vista que esse conceito é abordado de maneira inacabada em vários textos do Círculo e que o texto “Os gêneros do discurso” (2003 [1952-53]) não abrange toda a complexidade do conceito, é preciso ir a outras obras do Círculo para que seja mais bem compreendido. Como opção metodológica para o que é proposto, escolhemos pela dialogia para compreensão do conceito escolhido dentro da arquitetura que é o pensamento do Círculo. Assim, notamos que para o Círculo o meio social e a enunciação são compreendidos inseparavelmente e, como são diversos os campos de atuação humana, diversos são os modos de se usar a linguagem. Cada campo tem seu repertório de usos da linguagem que vai se transformando e ampliando à medida que o próprio campo se desenvolve, modifica e se torna mais complexo. Portanto, se há o interesse em estudar os modos de dizer humanos, é necessário compreendê-los dentro de um campo porque as enunciações sempre se dão entre sujeitos inseridos nele. Nessa perspectiva, há uma relação indissolúvel entre os tipos de enunciados, sua função na interação verbal e as atividades desenvolvidas no interior de cada campo. Por sua vez, no interior desses campos há relações axiológicas e dialógicas que os faz permanecer em constante arena em seu interior e com outros campos. Nessa luta axiológica, tipos relativamente estáveis de enunciados se formam refletindo e refratando a porção da realidade que determinado campo é capaz de dar conta. Portanto, para compreender os gêneros do discurso conforme é proposto pelo Círculo de Bakhtin, é necessário não esquecer que o conteúdo, a forma composicional e o estilo são sempre elementos constituídos na dialogia dos campos ideológicos.

Palavras-chave: Gêneros do discurso, Dialogia, Círculo de Bakhtin.

Abstract: This present paper aims to revisit the concept of genre of Bakhtin's Circle discourse in order to understand it by the dialogical perspective of subject and language. Considering that the concept is uncompleted exposed in several texts of Bakhtin Circle and that the "Genre of discourse" (2003 [1952-53]) does not treats about all complexity of the concept, it's necessary to look for others works about the Circle in order to have a better understanding. As a methodological option for what it's proposed, the dialogism was opted to understand the concept chosen within the architectonic that is the concept of the Circle. Thus, it's noticed that for the Bakhtin Circle the social environment and the enunciation must be understood inseparably and, since there are several fields of human activity, many are the ways of using language. Each field has its own repertoire of uses of language that is being transformed and expanded as the field itself develops, transforms and becomes more complex. Therefore, if there is the concern to research the way humans speak, it's necessary understand them within their context because enunciations always occur between citizens inserted inside their specific context. From this outlook, there is an inseparable relation between the modes of enunciation, their function on verbal interaction and the activities developed inside every mode. In its round, inside these modes there are axiological and dialogical relations that make them remain in a constant arena in their interior, and among the others modes. In this axiological combat, relatively stable types of statements get formed reflecting and refracting a portion of reality that a given mode is capable of accounting for. Therefore, in order to understand the genres of discourse as proposed by Bakhtin's Circle, it is necessary not to forget that content, compositional form and style are always elements constituted in the dialogue of ideological fields.

Keywords: Genres of Discourse, Dialogism, Bakhtin Circle.

Introdução

Um texto do Círculo de Bakhtin que se tornou referência para o estudo dos gêneros do discurso é "Os gêneros do discurso" (2003 [1952-53]), publicado na obra Estética da Criação Verbal (ECV). Nele, os pensadores compreendem que os gêneros não devem ser estudados levando em conta unicamente os aspectos formais de sua constituição, mas, antes de tudo, os aspectos sociais que dão condições para a produção do gênero discursivo.

Essa relação entre o meio social e a enunciação também é tratada logo no início do referido texto quando lemos que “Todos os diversos campos de atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2003 [1952-53], p. 261). Como são diversos os campos de atuação humana, diversos são também os modos de se usar a linguagem nesses campos. Cada campo tem seu repertório de usos da linguagem que vai se transformando e ampliando à medida que o próprio campo se desenvolve, transforma e se torna mais complexo.

Assim, se há o interesse em estudar os modos de dizer humanos, é necessário compreender esses atos dentro de um campo de atividade humana, porque as enunciações sempre se dão entre sujeitos inseridos em um campo.

1. Os campos da atividade humana

A noção de campos de atividade humana (ou de utilização da língua, ou esfera de comunicação discursiva, ou da criatividade ideológica, ou da comunicação social, ou somente ideologia – temos aqui vários termos para transmitir a mesma ideia-conceito) “é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo” (GRILLO, 2014, p. 143).

Estudar os gêneros do discurso a partir dessa relação com as esferas de atuação humana é fundamental para compreendê-los, pois a relação entre os enunciados de uma mesma espécie está inserida em um determinado campo ideológico, que possui seu modo próprio de refratar a realidade nos mais diversos aspectos (cf. Grillo, 2014). Além disso, partir da noção de campo evidencia a relação recíproca entre linguagem e vida social, pois a relação entre esses é de interpenetração: a linguagem penetra a vida através dos enunciados concretos produzidos por sujeitos sociais e, pelos enunciados, a vida penetra a linguagem. Essa postura se mostra coerente com a natureza sociológica e dialógica do enunciado concreto.

Os gêneros do discurso são tipos *relativamente estáveis* de enunciado devido a historicidade e imprecisão de suas características e limites. Enfatizar esses aspectos se relaciona de maneira indissolúvel com os campos de atividade humana. Isso porque cada campo ideológico não refrata a realidade uma única vez, de uma única forma e para sempre da mesma forma. Os campos ideológicos são dinâmicos porque há trocas discursivas dentro deles e entre eles que os fazem modificar o modo de refratar a realidade ao longo dos anos. Em decorrência das mudanças no modo de refratar, há mudanças nos modos de dizer, assim, os *tipos relativamente estáveis de enunciados* também sofrem alterações no decorrer da história.

Além da mudança *no* gênero discursivo, a historicidade e a imprecisão se relacionam também com a mudança *de* gêneros discursivos. Isso quer dizer que os campos ideológicos também mudam seu repertório de tipos de enunciados porque as atividades desenvolvidas em cada campo são também dinâmicas e mutáveis.

Ao compreender os gêneros do discurso pelo viés da reiteração (porque as atividades humanas se repetem) e novidade (porque as atividades humanas se modificam), o Círculo estabelece uma base de pensamento que abandona “a tarefa tradicional de recortar tipos bem demarcados; de estabelecer uma taxonomia rígida baseada em critérios formais puramente sincrônicos” (FARACO, 2009, p.128).

Pela *relativa estabilidade* dos gêneros aprendemos a moldar nosso dizer nas formas do gênero e, quando ouvimos o discurso do *outro* já conseguimos detectar seu gênero logo de início, prevemos a extensão e a construção composicional. Isso nos mostra que, assim como a língua materna nos é dada, os gêneros também são e são eles que nos permitem agir socialmente. “Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível” (Bakhtin, 2003 [1952-53], p. 283). Assim, se o enunciado

concreto é um elo na corrente ininterrupta da comunicação discursiva, os gêneros são as correias que fazem essa corrente funcionar.

Dessa forma, ao compreender os gêneros a partir dos campos ideológicos e como *tipos relativamente estáveis de enunciado*, o Círculo une estabilidade e instabilidade, pois, se por um lado podemos reconhecer e recorrer aos traços comuns que atravessam vários enunciados; por outro, esses traços se modificam constantemente. Isso é resultado das atividades humanas que nem são totalmente aleatórias e nem totalmente determinadas.

2. Forma composicional, conteúdo e estilo

Logo no início de “Os gêneros do discurso”, três elementos são apresentados - **conteúdo temático, estilo e construção composicional** - como constituintes dos gêneros. Essa tríade é que proporcionará a relativa estabilidade já mencionada. No entanto, ela deve ser compreendida dialógicamente. Para isso, é necessário distinguir forma arquitetônica de forma composicional.

A forma arquitetônica diz respeito ao todo da obra e suas relações axiológicas e, por isso, está incluída no objeto estético. Ela adquire uma certa forma composicional com o uso de um determinado material. Assim, a forma composicional está à disposição da forma arquitetônica e as formas composicionais. Por isso, a forma arquitetônica só pode ser realizada por meio de uma forma composicional, em contra partida, não existe forma composicional que não veicule uma forma arquitetônica.

Conteúdo, então, é a forma arquitetônica que estabelece relações dialógicas axiológicas no ato responsivo de construção do objeto estético e, por isso, não pode ser puramente cognitivo. O objeto estético não é apenas um referente, um assunto ou uma ideia, mas é o “modo como são ordenados pelo autor-criador os constituintes éticos e cognitivos recortados (isolados), transpostos para o plano estético e consumados numa nova unidade de sentidos e valores” (FARACO, 2013, p. 103).

Dessas considerações, concluímos que a criação do objeto estético é um ato cultural e se realiza numa atmosfera axiológica que requer atitudes responsáveis em todas as etapas de sua criação e, como construção semiótica da realidade, reflete e refrata o mundo que o circunda.

Talvez sejamos levados a pensar que a forma composicional seja o elemento mais estático da tríade. No entanto, como forma e conteúdo não se separam, é um equívoco pensar que as implicações das condições de produção do enunciado afetem apenas o tema, e não a forma. A forma também tem sua historicidade. Ela também tem um passado, um presente e um devir.

Em “O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal”, primeiro capítulo de *Questões de Literatura e Estética* (1998[1924]), Bakhtin nos dá algumas orientações para uma compreensão devida da forma e, o primeiro ponto levantado pelo autor é que ela deve ser compreendida enquanto forma que está para a arquitetônica, e não apenas como uma técnica. Ou seja, a real questão é compreender como que a organização de um material (a forma composicional) realiza a forma arquitetônica.

A forma deixa de ser uma simples organização do material quando ela se torna uma expressão axiologicamente ativa daquele que a trabalha. E nessa atividade da forma o autor-criador consegue encontrar a si mesmo, pois é um momento de atividade produtiva de formalização axiológica. A forma tem a capacidade de exprimir algo que vai além do material, ela exprime a posição volitiva axiológica do autor e do expectador. Ela não expressa um sentimento em relação a nada, se fosse assim seria somente um estado psicofísico que conduziria a puro hedonismo.

Chegamos, então, ao último elemento da tríade: o estilo. Grosso modo, o estilo diz respeito ao arranjo de dizer do falante (cf. FARACO, 2013) e, tradicionalmente, foi considerado como uma ação exclusiva do sujeito falante. Por isso, ora era compreendido como o uso individual da língua, ora como expressão subjetiva criativa. No primeiro caso, o sujeito estaria cerceado pelo

sistema linguístico, no segundo, estaria devedor à sua sensibilidade, sua capacidade criativa.

De qualquer maneira, não há como se esquivar do fato de que o estudo do estilo está atravessado pela individualidade, pois, de um modo geral, estudar a atividade estilística é estudar a ação do sujeito que escolhe, seleciona, trabalha com os diversos recursos expressivos da língua para compor o seu dizer. O próprio Bakhtin em ECV relaciona estilo com escolhas de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais.

No entanto, a novidade da abordagem do Círculo consiste justamente no fato de não conceber a linguagem nem como um sistema abstrato sem sujeito, tão pouco como expressão individual de um ser à parte de uma convivência social. O Círculo nos faz pensar fora de dicotomias, como a individual x social, e, ao conceber a linguagem como estratificada axiologicamente, revela que o falante é, simultaneamente, singular e social de ponta a ponta, usando as palavras de Bakhtin.

Essa outra forma de entender a linguagem implica uma outra concepção de estilo na qual as ações de escolhas feitas pelos sujeitos é individual, sim, mas de natureza sociológica, uma vez que essas escolhas são feitas a partir de um posicionamento axiológico diante da heteroglossia dialogizada. Como as palavras não são escolhidas no estado frio do dicionário, mas do dizer do *outro*, pensar em estilo é pensar em uma rede de relações axiológicas. Por isso, estilo para o Círculo, antes de tudo, é sociológico.

As relações axiológicas são vistas no todo do enunciado que adquire determinada expressividade ou tom. Nesse jogo discursivo, a composição, o tema e o estilo orientam o gênero do discurso para uma mesma expressividade. Assim, se pensar em estilo é pensar em escolha de recursos linguísticos, lexicais e fraseológicos, na perspectiva dialógica de linguagem, compreender o estilo é pensar em escolhas realizadas para dar um determinado tom ao enunciado. E reafirmo: esse tom, por sua vez, só pode ser compreendido no todo do enunciado já que relação indissolúvel entre temático, composição e estilo é que o entoará.

Como dito anteriormente, cada campo de atividade humana refrata uma porção da realidade de uma forma peculiar e, os gêneros do discurso são os tipos relativamente estáveis de enunciados que são produzidos em cada uma das diversas esferas de atividade humana. Aos gêneros de cada esfera correspondem determinados estilos, por isso, não devemos pensar em estilo desconexo de gênero e de campos. Os estilos de linguagem, são, portanto, estilos de gêneros.

Conclusão

Para o Círculo de Bakhtin, o texto como enunciado não deve ser visto simplesmente como artefato, objeto apenas verbal. Ele é resultado de uma complexa relação axiológica na qual o texto participa e também corporifica avaliações sociais, conforme Faraco (2009). Por isso, a sua unidade não pode compreendida levando unicamente em consideração a forma pela qual o texto é apresentado.

Inseparável dessa rede de relações axiológicas e dialógicas, estão os campos das atividades humanas. Eles estão em constante arena em seu interior e com outros campos e, em meio a essa luta axiológica, tipos relativamente estáveis de enunciados se formam a fim de refletir e refratar a porção da realidade que determinado campo é capaz de dar conta. E é justamente nesse ponto que está a relevância de pensar os gêneros do discurso dentro dos campos da atividade humana: a natureza social e axiológica que precedem as construções verbais.

Portanto, se o objetivo é compreender os gêneros do discurso conforme é proposto pelo Círculo de Bakhtin, é necessário não esquecer que o conteúdo, a forma composicional e o estilo são sempre elementos constituídos em intensa e ininterrupta dialogia.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética: a teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernadini et al. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998[1924].

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-53]. Tradução: Paulo Bezerra. Coleção Biblioteca Universal. pp. 261-306.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: **Bakhtin: outros conceitos-chave**. Beth Brait (org.) 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba/PR: Criar Edições, 2009.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. Beth Brait (org.) 1 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.